

POR LINHAS RETAS

Na obra de Natalia Ginzburg, a reflexão sobre o próprio ofício foi uma constante. Desde o início da carreira até o fim da vida, a autora sempre se interrogou sobre o ato de escrever. É o que fica patente nos dois textos que propomos a seguir: *Il mio Mestiere*, escrito em fins de 1949 e que em 1962 passou a integrar *Le Piccole Virtù*, e a entrevista que Natalia Ginzburg deu à escritora e jornalista Lidia Ravera em 1989, dois anos antes de sua morte.

O MEU OFÍCIO

Tradução de Ana Elvira Luciano Gebara*

O meu ofício é escrever e sei disso muito bem e há muito tempo. Espero não ser mal interpretada: sobre o valor daquilo que posso escrever nada sei. Sei que escrever é meu ofício. Quando me ponho a escrever, sinto-me extraordinariamente à vontade e movimento-me num elemento que parece conhecer-me extraordinariamente bem: sirvo-me de instrumentos conhecidos e familiares e os sinto bem firmes em minhas mãos. Se faço qualquer outra coisa, se estudo uma língua estrangeira, se tento aprender história ou geografia ou taquigrafia ou se tento falar em público ou tricotar ou viajar, sofro e me pergunto continuamente como as outras pessoas fazem estas mesmas coisas; parece-me sempre que deva existir um modo correto de fazer estas coisas, que é conhecido pelas outras pessoas e estranho para mim. E parece-me que sou surda e cega e tenho como uma náusea no meu íntimo. Quando escrevo, porém, não penso de maneira alguma que talvez exista um modo correto do qual se servem os outros escritores. Pouco me importa como fazem os outros escritores. Vejam bem, eu só posso escrever histórias. Se tento escrever um ensaio de crítica ou um artigo encomendado para um jornal, nada dá certo. Então devo procurar com grande esforço, quase fora de mim, o que escrevo. Posso fazê-lo um pouco melhor do que estudar uma língua estrangeira ou falar em público, mas só um pouco melhor. E tenho sempre a impressão de enga-

* Tradutora formada pelo Curso de Especialização em Tradução da FFLCH-USP.

nar o próximo com palavras emprestadas ou surrupiadas, aqui e ali. E sofro e me sinto no exílio. Ao contrário, quando escrevo histórias, sinto-me como alguém que está em sua pátria, andando pelas ruas que conhece desde a infância e entre muros e árvores que são seus. O meu ofício é escrever histórias, fatos inventados ou fatos que me lembro da minha vida, mas de qualquer modo histórias, fatos para os quais não conta a cultura, mas somente a memória e a fantasia. Este é meu ofício, e o que eu farei até a morte. Estou muito feliz com o meu ofício e não o trocaria por nada deste mundo. Compreendi que este era meu ofício há muito tempo. Entre os cinco e dez anos de idade ainda duvidava, e às vezes imaginava que pudesse pintar, às vezes conquistar os países a cavalo e às vezes ainda inventar novas máquinas muito importantes. Mas depois dos dez anos, tive certeza e desdobrei-me como podia entre romances e poesias. Ainda tenho aquelas poesias. As primeiras são desajeitadas com versos truncados, mas muito divertidas: depois, com o passar do tempo, fazia poesias sempre menos desajeitadas, mas sempre mais enfadonhas e bobas. Porém eu não sabia e me envergonhava das poesias desajeitadas, e enquanto aquelas que não eram tão desajeitadas e bobas me pareciam tão belas, pensava sempre que mais dia menos dia um poeta famoso iria descobri-las e publicá-las, escrevendo longos artigos, imaginava palavras e frases desses artigos e eu os escrevia dentro de mim. Pensava que venceria o prêmio “Fracchia”. Ouvira que existia esse prêmio para escritores. Não podendo publicar num livro as minhas poesias, visto que não conhecia então nenhum poeta famoso, copiava-as cuidadosamente num caderno e desenhava uma florzinha na folha de rosto e fazia o índice e tudo mais. Tinha compreendido que se não tivesse vontade de escrever bastava ler poesias de Pascoli ou Gozzano ou de Corazzini para a vontade aparecer subitamente. Saíam poesias pascolianas ou gozzanianas ou corazzinianas, depois por último muito dannunzianas, quando o descobri. Porém nunca pensava em escrever poesias por toda a vida, queria escrever romances cedo ou tarde. Escrevi três ou quatro naqueles anos. Havia um intitulado *Marion* ou *A Ciganinha*, um outro, *Molly e Dolly* (humorístico e policial) e ainda outro de título *Uma mulher* (dannunziano, em segunda pessoa; lembro-me também que havia uma cozinheira negra) e por fim um muito longo e complicado com histórias terríveis de moças raptadas e carruagens, tinha até medo de escrevê-lo quando estava sozinha em casa: não me lembro de nada dele, lembro-me somente que havia uma frase de que eu gostava muitíssimo e me vieram lágrimas aos olhos quando a escrevi: “Ele disse: Ah! Isabella parte!”. O capítulo acabava com esta frase que era muito importante porque o homem que a pronunciava estava apaixonado por Isabella, mas não sabia, não tinha confessado a si mesmo o amor. Não me lembro nada daquele homem, parece-me que tinha a barba avermelhada, Isabella tinha longos cabelos negros, com reflexos azuis, mais não sei: sei que durante muito tempo tinha um arrepio de alegria quando repetia para mim mesma: “Ah! Isabella

parte!”. Repetia com freqüência também uma frase que tinha encontrado num folheto do jornal *La Stampa* e que dizia o seguinte: “Assassino de Gilonne, onde colocaste meu menino?” Mas não era tão segura dos romances como era das poesias. Relendo-os descobria um ponto fraco; algo errado que destoava e que não conseguia modificar. No entanto misturava sempre algo moderno com algo antigo; não conseguia situá-los bem no tempo: uma hora havia conventos e carruagens e um ar de Revolução Francesa e outra hora havia policiais com cassetetes; de repente aparecia uma pequena burguesia cinza com máquinas de costura e gatos como nos livros de Carola Prosperi, e ao lado das carruagens e dos conventos, eles destoavam. Oscilava entre Carola Prosperi e Victor Hugo e as histórias de Nick Carter: não sabia muito bem o que queria fazer. Gostava muito, também, de Annie Vivanti. Há uma frase no *Devoradores*, quando ela escreve ao desconhecido e lhe diz: “O meu vestido é escuro”. Esta, também, é uma frase que repeti muito tempo para mim. Durante o dia murmurava estas frases de que gostava tanto para mim mesma: “Assassino de Gilonne”, “Isabella parte”, “O meu vestido é escuro”, e sentia-me imensamente feliz.

Escrever poesias era fácil. Gostava muito de minhas poesias, elas pareciam quase perfeitas. Não entendia a diferença que existia entre elas e as poesias verdadeiras, publicadas, dos poetas verdadeiros. Não entendia porque ao dá-las para meus irmãos lerem, eles debochavam e me diziam que ganharia mais se estudasse o grego. Achava que meus irmãos não entendiam muita coisa de poesia. E no entanto eu devia ir à escola e estudar grego, latim, matemática, história e sofria muito, sentindo-me em exílio. Passava os dias escrevendo e copiando minhas poesias nos cadernos; e não estudava as lições e então colocava o despertador para as cinco da manhã. O despertador tocava mas eu não acordava. Acordava às sete, quando não havia mais tempo para estudar e devia me vestir para ir à escola. Não estava feliz, tinha sempre um medo tremendo e um sentimento de desordem e de culpa. Na escola estudava história na aula de latim, na aula de história, grego, sempre assim e não aprendia nada. Durante algum tempo, achei que valia a pena, porque minhas poesias eram tão bonitas, mas a certo ponto me veio a dúvida que não fossem tão belas e comecei a aborrecer-me ao escrevê-las, ao procurar temas com esforço; parecia-me que já havia usado todos os assuntos possíveis, todas as palavras e rimas: lembrança / esperança; pensamento / lamento; ventania / alegria; ânsia / fragrância. Não encontrava mais nada para dizer. Então para mim teve início um período horrível, e eu passava as tardes titubeando entre palavras que não me davam mais nenhum prazer, com um sentimento de culpa e vergonha em relação a tudo que dizia respeito à escola; não me passava pela cabeça ter errado de ofício, escrever queria escrever, só não entendia por que de repente os dias tivessem se tornado tão áridos e pobres de palavras.

A primeira coisa séria que escrevi foi um conto. Um conto breve, de cinco ou seis páginas: veio como um milagre, numa noite, e quando depois fui dormir

estava cansada, tonta e maravilhada. Tinha a impressão de que fosse uma coisa séria, a primeira que tivesse feito: as poesias e romances com as moças e carruagens pareciam de repente longínquas, num tempo perdido para sempre, criaturas ingênuas e ridículas de uma outra época. Neste novo conto havia personagens. Isabella e o homem com a barba avermelhada não eram personagens: eu não sabia nada deles a não ser as frases e as palavras de que me servi ao falar deles, eram fruto dos caprichos da minha vontade. As palavras e as frases de que me servira foram pescadas do nada: como se tivesse um saco e tivesse tirado ao acaso ora uma barba ora uma cozinheira negra, ou outra coisa que se pudesse usar. Desta vez porém não havia sido um jogo. Desta vez havia inventado personagens com nomes que, para mim, não poderiam ser mudados: eu não poderia ter mudado nada neles e sabia uma série de várias particularidades sobre eles, sabia como havia sido a vida deles até o dia do meu conto, mesmo se na história eu não tivesse falado sobre isso porque não era necessário. E sabia tudo da casa, da ponte e da lua e do rio. Tinha dezessete anos então, e tinha bombado em latim, grego e matemática. Chorei muito quando soube. Mas agora que tinha escrito a história, sentia um pouco menos de vergonha. Era verão, uma noite de verão. A janela se abria para o jardim e mariposas escuras voavam ao redor da lâmpada. Tinha escrito a minha história num papel quadriculado e me sentia feliz como nunca havia sido em toda a minha vida e cheia de pensamentos e palavras. O homem se chamava Maurício e a mulher se chamava Ana e o menino se chamava Villi e havia também a ponte e a lua e o rio. Estas coisas existem em mim. E o homem e a mulher não eram nem bons nem maus, mas cômicos e um pouco patéticos, e então parecia ter descoberto que assim as pessoas dos livros deveriam ser, cômicas e patéticas ao mesmo tempo. Aquela história me parecia bela de qualquer ângulo que eu olhasse; não havia nenhum erro: tudo acontecia no momento e na hora certa. Parecia-me então que poderia escrever milhões de contos.

E realmente escrevi uma dezena deles, em intervalos de um ou dois meses, alguns bastante bons, outros não. Descobri naquele momento que é cansativo escrever coisas sérias. É um mau sinal não se cansar. Não se pode querer escrever algo sério sem esforço, com os pés nas costas, sem preocupação. Não se pode conseguir algo com tão pouco. Alguém, quando escreve algo sério, mergulha fundo dentro de si mesmo, se envolve até o último fio de cabelo; se têm sentimentos muito fortes que inquietam seu coração, se está muito feliz ou muito infeliz por uma razão qualquer, digamos terrena, que não tem nada a ver com o que está escrevendo, e se o que escreve é válido e digno da vida, então qualquer outro sentimento fica adormecido nele. Ele não pode esperar que se conserve intacta e viçosa sua prezada felicidade, ou sua prezada infelicidade, tudo se distancia e se esvanece e ele fica sozinho com sua página, nenhuma felicidade e nenhuma infelicidade pode subsistir nele a não ser a que esteja estreitamente

ligada a esta página, ele não possui outra coisa e não pertence a outros e se isso não lhe acontece, então é sinal de que sua página não vale nada.

Escrevi dessa maneira histórias curtas por um certo período, período esse que durou cerca de seis anos. Desde que havia descoberto que existiam personagens, achava que *ter* uma personagem bastasse para fazer uma história. Desse modo eu estava sempre à caça de personagens, observava as pessoas no bonde e na rua, e quando encontrava um rosto que me parecia adequado para estar numa história, tecia ao redor dele detalhes morais e uma pequena história. Ia também à procura de detalhes sobre o modo de vestir e o aspecto das pessoas e do interior das casas ou dos lugares; se eu entrava em uma sala nova, esforçava-me em descrevê-la no meu pensamento e também em encontrar algum pequeno detalhe que ficaria bem em uma história. Eu tinha um bloco de notas onde escrevia certos detalhes que havia descoberto ou pequenas comparações ou episódios que eu prometia colocar nas histórias. Na folha de papel, escrevia por exemplo: “Ele saía do banheiro, arrastando atrás de si como um longo rabo o cordão do roupão”. “Como fede a privada nesta casa, disse-lhe a menina. - Quando vou ao banheiro, nunca respiro, acrescentou tristemente”. “Os seus cabelos anelados como cachos de uva”. “Cobertas pretas e vermelhas sobre a cama desfeita”. “Face pálida como uma batata descascada”. Descobri no entanto que dificilmente estas frases serviam quando escrevia uma história. O bloco de anotações se tornava uma espécie de museu de frases, todas cristalizadas e embalsamadas, dificilmente utilizáveis. Procurei milhares de vezes enfiar em alguma história as cobertas pretas e vermelhas ou os cabelos anelados como os cachos de uva e nunca consegui. O bloco de anotações portanto não servia para nada. Compreendi naquela época que não há como poupar neste ofício. Se alguém pensa “este detalhe é belo e não quero desperdiçá-lo na história que estou escrevendo, onde já existem muitas coisas belas, vou guardar para uma outra história que vou escrever”, esse detalhe se cristaliza dentro dele e não se pode mais utilizá-lo. Quando alguém escreve uma história, deve colocar nela o que possui de melhor e o que viu de melhor, tudo de melhor que acumulou em sua vida. E os detalhes se desgastam, se deterioram por terem sido mantidos sem uso por muito tempo. Não somente os detalhes mas tudo, todos os achados e todas as idéias. Naquela época em que escrevia as minhas histórias curtas, com o gosto das personagens providenciais e das minúcias, naquela época vi uma vez passar na rua uma carreta que tinha em cima um espelho, um espelho grande de moldura dourada. Nele o céu verde do fim da tarde se refletia e eu parei para observá-lo enquanto passava, com grande felicidade e a sensação que alguma coisa muito importante estava acontecendo. Sentia-me muito feliz mesmo antes de ver o espelho, e de repente pareceu-me que a imagem da minha felicidade passava ali, o espelho verde e resplandecente em sua moldura dourada. Por

muito tempo pensei que poderia colocá-lo em qualquer história, por muito tempo lembrar da carreta e o espelho sobre ela me dava vontade de escrever. Porém nunca consegui colocá-lo em lugar algum e a certo ponto percebi que estava morto em mim. E todavia foi muito importante. Porque no tempo em que escrevia histórias curtas, me detinha sobre pessoas e coisas cinzas e esquálidas, procurava uma realidade desprezível e sem glória. Com aquela mania que tinha então de encontrar detalhes miúdos, havia uma malignidade de minha parte, um interesse ávido e mesquinho pelas coisas pequenas, pequenas como pulgas, era uma busca obstinada e bisbilhoteira por pulgas a que eu fazia. Pareceu-me que o espelho sobre a carreta me oferecesse possibilidades novas, talvez a faculdade de assistir a uma realidade mais gloriosa e resplandecente, uma realidade mais feliz, que não requeria descrições minuciosas e achados astutos, mas podia se realizar em uma imagem esplendente e feliz.

Naquelas histórias curtas que escrevia então, havia personagens que, no fundo, eu desprezava. E como havia descoberto que é bom que uma personagem seja miserável e cômica, por força de comicidade e de comiseração fazia-os assim seres desprezíveis e privados de glória que eu mesma não podia amar. Aquelas minhas personagens tinham sempre um tique ou uma mania; ou uma deformação física ou um vício um tanto grotesco, tinham um braço quebrado, pendurado ao pescoço por uma tira de pano preta; ou tinham terçoís ou eram gagos ou coçavam o traseiro falando, ou mancavam um pouco. Para mim era necessário caracterizá-los de alguma forma. Era um meio de fugir do temor de que se tornassem incertos, de capturar a humanidade deles da qual, inconscientemente, eu duvidava. Porque naquela época eu não entendia — mas, na época do espelho sobre a carreta, começava confusamente a entender — que não se tratava mais de personagens mas de fantoches, muito bem caracterizados e semelhantes aos homens de verdade mas fantoches. Ao inventá-los, caracterizava-os, marcava-os com um detalhe grotesco e havia nisto algo de perverso, havia em mim então como que um ressentimento maligno em relação à realidade. Não era um ressentimento baseado em algo real, porque naquela época eu era uma garota feliz, mas nascia como reação à ingenuidade, tratava-se de um ressentimento particular que é a maneira de uma pessoa ingênua se defender, sempre levada a acreditar que está sendo enganada, do camponês que acabou de chegar à cidade e vê ladrões em tudo e todos. Inicialmente, andava orgulhosa, porque parecia-me um grande triunfo da ironia sobre a ingenuidade e sobre aqueles abandonos patéticos da adolescência tão constantes nas minhas poesias. A ironia e a maldade pareciam armas muito importantes nas minhas mãos; achava que me serviam para que escrevesse como um homem, porque, naquela época, eu desejava fortemente escrever como um homem, tinha horror a que percebessem que eu era mulher pelas coisas que escrevia. Criava quase sempre personagens masculinos, para que ficassem distantes e afastados de mim.

Tornara-me razoavelmente hábil em esquadriñar uma história, em varrer todas as coisas inúteis, em encaixar detalhes e falas no momento certo. Fazia histórias concisas e lúcidas, levadas a cabo sem erros de tom. Mas ocorreu que em um determinado momento estava saturada. Os rostos das pessoas pela rua não me diziam nada de interessante. Um tinha um terçol e outro tinha o chapéu ao contrário, e um terceiro o cachecol no lugar da camisa, mas não me importava mais. Estava saturada de observar as coisas e as pessoas e de descrevê-las em meu pensamento. O mundo se calava para mim. Não encontrava mais palavras para descrevê-lo, não tinha mais palavras que me dessem muito prazer. Não possuía mais nada. Tentava lembrar do espelho, mas mesmo ele estava morto em mim. Trazia dentro de mim um fardo de coisas embalsamadas, rostos mudos e palavras de cinzas, cidades e vozes e gestos que não vibravam, que pesavam, mortos no meu coração. E depois nasceram meus filhos e eu, quando eles eram muito pequenos, não conseguia compreender como se podia escrever tendo filhos. Não entendia como poderia fazer para me separar deles para seguir um fulano em uma história. Comecei a desprezar o meu ofício. Tinha uma nostalgia exasperada de vez em quando, sentia-me exilada, mas me esforçava em desprezá-lo e depreciá-lo para ocupar-me somente dos meus pequenos. Acreditava realmente que devia agir desse modo. Ocupava-me com o creme de arroz e o mingau de aveia e se fazia sol ou se não fazia sol e se tinha vento ou se não tinha vento para levar as crianças para passear. As crianças me pareciam importantes demais para que se pudesse ficar atrás de estúpidas histórias, de estúpidas personagens embalsamadas. Mas sentia uma nostalgia feroz e às vezes de noite quase chegava a chorar, lembrando como era bonito o meu ofício. Pensava que iria retomá-lo um dia destes, mas não sabia quando: achava que deveria esperar que meus filhos se tornassem homens e se fossem. Porque o que eu, então, tinha pelos meus filhos era um sentimento que não havia aprendido a dominar. Mas depois fui aprendendo pouco a pouco. Não gastei muito tempo nisso. Eu preparava o molho de tomate e a semolina, mas no entanto pensava em coisas para escrever. Morávamos então em uma cidade muito bonita no sul. Lembrava das ruas da minha cidade e das colinas, e aquelas ruas e aquelas colinas se uniam às ruas e às colinas e aos campos da cidade onde estávamos agora, e disso nascia uma natureza nova, algo que de novo eu podia amar. Tinha saudade da minha cidade, e a amava muito na lembrança, a amava e a compreendia de um modo como talvez jamais houvesse ocorrido quando lá eu morava, e amava também a cidadezinha onde estávamos, uma cidadezinha poeirenta e branca no sol do sul, prados amplos de erva hispida e seca se estendiam sob as minhas janelas, e soprava forte em meu coração a lembrança das ruas de minha cidade, dos plátanos e das casas altas, e tudo começava a queimar alegremente dentro de mim, e eu tinha muita vontade de escrever. Escrevi uma história longa, a mais longa que jamais havia escrito. Recomeçava

a escrever como alguém que nunca tivesse escrito, porque há tanto que eu não escrevia, e as palavras estavam como que lavadas e frescas, tudo estava novamente intacto e cheio de sabor e cheiro. Escrevia à tarde quando as crianças estavam brincando com uma moça do lugar; escrevia com avidez e alegria, e era um belíssimo outono e eu me sentia todo dia assim feliz. Na história coloquei algumas pessoas inventadas e algumas reais, do lugar; e também certas palavras que eu dizia sempre ali e que não sabia antes, certas imprecações e certos modos de dizer: e estas novas palavras levitavam e fermentavam, e davam vida também a todas as outras velhas palavras. A personagem principal era uma mulher, mas muito, muito diferente de mim. Agora eu não desejava escrever como um homem, porque tivera as crianças, e parecia saber tantas coisas sobre o molho de tomate e que, embora não as colocasse na história, era necessário para o meu ofício que eu as conhecesse: de um modo misterioso e remoto até isso servia ao meu ofício. Parecia-me que as mulheres soubessem sobre os filhos, coisas que um homem nunca saberá. Escrevia minha história muito depressa, com medo de que me escapasse. Eu a chamava de romance, mas talvez não fosse romance. Além disso, até aquele momento sempre me acontecera de escrever com pressa e coisas breves demais: e num determinado ponto acreditei ter compreendido o porquê. Porque tenho irmãos muito mais velhos que eu e, quando era pequena, se à mesa falava, diziam-me para ficar quieta. Assim habituei-me a dizer coisas mais e mais depressa, precipitadamente e com o menor número possível de palavras, sempre com medo de que os outros voltassem a falar entre eles e parassem de me dar ouvidos. Pode ser que pareça uma explicação um pouco boba: no entanto deve ter sido exatamente assim.

Disse que naquela época quando escrevia aquilo que chamava de romance, era uma época muito feliz para mim. Nunca havia acontecido nada de grave na minha vida, ignorava tanto a doença quanto a traição e a solidão e a morte. Nada havia desmoronado na minha vida; se não por coisas fúteis, nada que fosse caro ao meu coração havia sido tirado de mim. Havia sofrido apenas de ociosas melancolias da adolescência e do problema de não saber como escrever. Então eu era feliz em um modo pleno e tranquilo, sem medo e sem ansiedade, e com total confiança na estabilidade e na consistência da felicidade no mundo. Quando estamos felizes, nós nos sentimos mais frios, mais lúcidos e afastados da nossa realidade. Quando estamos felizes, tendemos a criar personagens muito diferentes de nós, a vê-las sob a luz gélida das coisas estranhas, afastamos nossos olhos da nossa alma feliz e satisfeita e os fixamos sem caridade sobre outros seres, sem caridade, com um juízo leviano e cruel, irônico e soberbo, enquanto a fantasia e a energia inventiva agem com força em nós. Conseguimos facilmente fazer personagens, muitas personagens, fundamentalmente diferentes de nós e conseguimos fazer histórias solidamente construídas e concisas sob a luz clara e fria. Aquilo que nos falta então, quando somos felizes, daquela singular felicidade sem lágrimas,

sem ânsias e sem medo, aquilo que nos falta, então, é uma ligação íntima e terna com nossas personagens, com os lugares e coisas que narramos. Aquilo que nos falta é caridade. Aparentemente somos muito mais generosos, no sentido de que encontramos sempre a força para interessarmo-nos pelos outros, de sermos pródigos em cuidados com os outros, não nos ocupamos tanto conosco mesmos não tendo necessidade de nada. Mas este nosso interesse pelos outros tão desprovido de ternura não capta senão poucos aspectos externos da personalidade deles. O mundo tem uma única dimensão para nós, é desprovido de segredos e sombras, a dor que nos é alheia, conseguimos adivinhá-la e criá-la em virtude da força fantástica com a qual somos animados, mas a vemos sempre com aquela luz estéril e gélida das coisas que não nos pertencem, que em nós não têm raízes.

A nossa felicidade pessoal ou infelicidade, a nossa condição *terrestre*, tem grande importância em relação àquilo que escrevemos. Disse anteriormente que alguém no momento em que escreve é impelido a ignorar as circunstâncias presentes em sua própria vida. É certo que é assim. Mas ser feliz ou infeliz nos leva a escrever de um ou outro modo. Quando somos felizes, a nossa fantasia tem mais força; quando somos infelizes, age então mais vivamente a nossa memória. O sofrimento torna a fantasia débil e preguiçosa; ela se move, mas sem vontade e com languidez, com os movimentos frágeis dos doentes, com o cansaço e a cautela dos membros doloridos e febris; é difícil para nós desviar o olhar de nossa vida e de nossa alma, da sede e da inquietação que se dissemina em nós. Nas coisas que escrevemos afloram continuamente lembranças do nosso passado, a nossa própria voz ressoa continuamente e não conseguimos silenciá-la. Entre nós e nossas personagens que então inventamos, que a nossa fantasia enfraquecida consegue todavia inventar, nasce uma ligação especial, afetuosa e como que materna, uma ligação cálida e úmida de lágrimas, de uma intimidade carnal e sufocante. Temos raízes profundas e dolorosas em cada ser e em cada coisa do mundo, do mundo que se torna cheio de cor e de sussurros e de sombras, ao qual uma devota e apaixonada piedade nos liga. O nosso risco é então naufragar num escuro lago de água morta e estagnada, e para lá arrastar conosco as criaturas do nosso pensamento, deixá-las perecer conosco no redemoinho tépido e escuro, entre ratos mortos e flores putrefatas. Há perigo na dor assim como há perigo na felicidade, no que diz respeito às coisas que escrevemos. Porque a beleza poética é um conjunto de crueldade, de soberba, de ironia, de ternura carnal, de fantasia e de memória, de clareza e de obscuridade, e se não conseguimos obter esse todo, o nosso resultado é pobre, precário e pouco vital.

E, reparem, não é que se possa ter esperança de encontrar consolo para a própria tristeza escrevendo. Alguém não pode iludir-se de ser afagado e embalado pelo seu próprio ofício. Houve na minha vida intermináveis domingos desolados e desertos, nos quais desejava ardentemente escrever para consolar-me da solidão

e do tédio, para ser afagada e embalada por frases e palavras. Mas não houve como conseguir escrever uma linha. O meu ofício, nessas ocasiões, sempre me rejeitou, não quis saber de mim. Porque este ofício nunca é consolo ou passatempo. Não é companhia. Este ofício é um patrão, um patrão capaz de açoitar até tirar sangue, um patrão que grita e condena. Nós devemos engolir saliva e lágrimas, e ranger os dentes, e enxugar o sangue das nossas feridas, e servi-lo. Servi-lo quando ele pede. Então ele nos ajuda a ficar em pé, a permanecer com os pés na terra, ajuda-nos a vencer a loucura e o delírio, o desespero e a febre. Mas quer ser ele a mandar e sempre se recusando a nos dar ouvidos quando precisamos dele.

Aconteceu de eu conhecer bem a dor depois daquele período em que estava no sul, uma dor verdadeira, irremediável e irreparável, que despedaçou toda a minha vida e quando tentei remendar os pedaços de algum modo, vi que eu e minha vida havíamos nos tornado irreconhecíveis em relação ao que éramos antes. Intocado permanecia apenas o meu ofício, mas também dele é profundamente falso dizer que estava intocado, os instrumentos eram os mesmos mas o modo como eu os usava era outro. A princípio eu o detestava, me repugnava, mas sabia bem que voltaria a servi-lo e que ele me salvaria. Assim muitas vezes me ocorre pensar que não fui tão infeliz na minha vida, e que sou injusta ao acusar o destino e negar-lhe qualquer ato benevolente para mim, porque me deu três filhos e um ofício. Além disso eu não poderia imaginar minha vida sem esse ofício. Sempre existiu e nunca, nem por um momento, me deixou, e quando eu achava que estava adormecido, mesmo nesse momento o seu olho vigilante e esplendente me observava.

Assim é o meu ofício. Dinheiro, vejam bem, não dá muito, e aliás é necessário ter outro ofício contemporaneamente para viver. Mas às vezes dá algum lucro: e ter dinheiro por um mérito seu é uma coisa muito boa, como receber dinheiro e dádivas das mãos do ser amado. Assim é meu ofício. Não estou certa, digo, sobre o valor dos resultados que me deu e poderá dar: ou melhor, dos resultados já obtidos conheço o valor relativo, não o absoluto. Quando escrevo alguma coisa, geralmente penso que é muito importante e que sou um grande escritor. Acredito que isso aconteça com todo mundo. Mas há um canto em minha alma onde sei muito bem e sempre aquilo que sou, ou seja, um escritor pequeno, menor. Juro que sei. Mas não importa. Afinal, não quero pensar em nomes: percebi que se me pergunto: “um escritor menor como quem?” me entristeço ao pensar nos nomes de outros escritores menores. Prefiro acreditar que ninguém jamais foi como eu, mesmo menor, mesmo pulga ou mosca que eu seja. Ao invés disso, o que é importante é ter a convicção que seja realmente um ofício, uma profissão, algo que você exercerá por toda a vida. Mas, como ofício, não é uma brincadeira. Há inúmeros perigos além daqueles que aponte. Somos continuamente ameaçados por graves perigos no ato de compor as nossas páginas. Há o

perigo de começar de repente a flertar e a cantar. Tenho sempre uma vontade louca de começar a cantar, devo ficar muito atenta para que isso não aconteça. E há o perigo de se enganar com palavras que não existem realmente em nós, que pescamos ao acaso fora de nós e que juntamos com destreza porque nos tornamos malandros. Há o perigo de bancar o malandro e enganar. É um ofício muito difícil, vejam, mas o mais belo que há no mundo. Os dias e os fatos da nossa vida, os dias e os fatos da vida alheia que observamos, leituras e imagens e pensamentos e discursos, saciam-no e ele cresce em nós. É um ofício que se nutre de coisas horríveis, come do melhor e do pior da nossa vida, tanto os nossos sentimentos maus como os nossos sentimentos bons fluem em seu sangue. Nutre-se e cresce em nós.

*

**NOME: NATALIA GINZBURG
PROFISSÃO: ESCRITORA***

Tradução de Mariarosaria Fabris**

Um edifício aristocrático no centro histórico de Roma, perto do Panteão. Confesso que subi com um certo respeito a grande escadaria que leva ao último andar, onde vive Natalia Ginzburg. Já a havia entrevistado uns dez anos atrás, por ocasião, acho, da transposição cinematográfica de seu romance *Caro Michele*. Um filme de Monicelli, menos intenso e menos melancólico do que o livro, mais bobinho, como acontece muitas vezes com as versões cinematográficas de obras literárias.

Procuo as sensações de então, porque gosto de lembrar e de comparar, como se fossem achados, estados d'alma presentes e passados. Havia experimentado o mesmo receio, ao subir a escada? Não, estava completamente tomada por uma timidez de mocinha que encontra um dos monumentos de sua infância. *Lessico Familiare*, de Natalia Ginzburg, e *O Idiota*, de Fédor Dostoiévski, são os primeiros romances "de adulta" que li e amei na vida. *O Idiota* fascinou-me e aterrorizou-me. *Lessico Familiare* deu-me a sensação de que a vida é algo que pode ser contado.

Toco a campainha, sentindo-me pequena e agradecida, como uma cadelinha que tem a chance de abanar o rabo festiva. Ela aparece em seguida e é sempre a

* Título original: "Natalia Ginzburg: 'La Morante mi maltrattava ma io le volevo bene'". A entrevista, realizada por Lidia Ravera, foi publicada em *Annabella*, Milano, LVI (39), set. 1989, p. 13, 15-16, 18, 20, 22 e 28.

** Professora do Curso de Especialização em Tradução da FFLCH-USP.

mesma: alta, delgada, o rosto forte, bonito, olhos levemente puxados e um corte de garota na basta cabeleira grisalha. Nada de fazer festas, sorrisos educadas, observando-nos, um aperto de mão e nos tratamos com cerimônia. Hipócritas? Não, piemontesas, as duas. Isto é, tolhidas por uma obrigatória e inevitável cortesia formal. A velha boa educação, tão cara, sob a qual as emoções se apagam e se aquieta a vontade de festejar.

A entrevista acontece na grande sala de visita, sob um teto de madeira em caixotões, entre poltronas obviamente bonitas e imprevisivelmente confortáveis, mesinhas baixas carregadas de livros, estantes de livros, livros nos cantos.

Lidia Ravera – O que está escrevendo?

Natalia Ginzburg – Organizei uma seleção de cartas de Tchecov; escrevi um pequeno perfil biográfico... Depois escrevi uma comédia, que vai sair junto com outras mais antigas, já publicadas.

L. R. – Por falar de novas edições, é de agora a de *Mai devi domandarmi*, um livro que poderíamos definir de contos autobiográficos. Por que se decidiu por uma nova publicação?

N. G. – Tinha readquirido os direitos, havia sido lançado pela Garzanti, há muitos anos. Tinha brigado com Einaudi, na época, e o deixei. Depois voltei para ele. Agora Einaudi pediu-me para voltar a publicá-lo. Acrescentei um conto.

L. R. – “*Luna pallidass*”, eu o li: fala de uma menina que escrevia uma poesia por dia. Uma menina um pouco burra na escola, mas muito boa em italiano, uma menina que não podia fazer ginástica porque não tinha o uniforme de pequena italiana, obrigatório na Itália fascista.

N. G. – Sim, era eu. Escrevo na primeira pessoa, freqüentemente, e, mesmo quando emprego a terceira pessoa, muitas vezes é uma falsa terceira pessoa, sou sempre eu. Quando moça, inventava mais. Agora, cada vez mais, conto coisas vivas e vividas. Da infância, não lembro tanto das sensações, mas antes das emoções. O ciúme, a solidão entre a infância e a primeira adolescência. Tive uma infância feliz, porém, enquanto a vivia, não me dava conta disso. Na adolescência era melancólica, ou acreditava que era melancólica, na verdade talvez o fosse.

L. R. – De *Lessico Familiare* e também dos contos de *Mai devi domandarmi* emerge uma imagem paterna gigantesca. E sua mãe, como era?

N. G. – Minha mãe era uma mulher extraordinária. Era irônica; irônica, também consigo mesma. Algo raro: uma qualidade rara, nas mulheres e nos homens. Minha mãe não trabalhava, nem em casa, tinha cinco filhos, mas na época havia empregadas. Vivia-se de outro jeito. Minha mãe, na velhice, começou a estudar russo e piano, porque dizia que se entediava. Mas era uma pessoa muito alegre. Meu pai, ao contrário, era muito severo e autoritário. Com a minha mãe, na adolescência, eu estava em conflito. Do meu pai tinha medo. Depois, quando tive filhos, minha mãe me ajudou muito.

L. R. – A senhora teve quatro filhos, não é? Quatro filhos e vários livros, nas barbas de Simone de Beauvoir, que dividia o mundo feminino em mulheres que fazem filhos e mulheres que fazem livros.

N. G. – Cada coisa a seu tempo. Para quem tem crianças pequenas, é impossível escrever. Enquanto isso, se armazenam pensamentos. Depois se retoma. Depois dos filhos, vêm os netos. Pode acontecer de ter que cuidar deles também, por um período. Não se escreve ao cuidar de crianças pequenas. Não se podem fazer duas coisas tão importantes juntas. Tem que se esperar. De todo modo, não perdemos o desejo de escrever. Eu tenho seis netos, entre vinte e seis e dois anos. Amo eles todos, muitíssimo. Tenho com eles uma relação muito próxima. Isso me deixa ansiosa, porque o afeto deixa ansiosos. Fiquei viúva duas vezes. Tive dois casamentos felizes. Meu primeiro casamento durou poucos anos. Conheci Leone Ginzburg em 1933, era amigo de um dos meus irmãos. Esse meu irmão deu para ele ler um conto meu. Intitulava-se “*Un’assenza*”. Leone achou-o bom e o enviou a uma revista *Solaria*, publicada em Florença. O diretor era Alberto Carucci. Carucci gostou do meu conto, mas não quis publicá-lo, porque eu tinha dezessete anos e podia acontecer de eu não escrever outro. Depois publicou um segundo conto meu. Leone e eu casamos anos depois, em 1938. Veio a guerra, mandaram-no para o desterro, numa aldeia dos Abruzos. Eu e as crianças fomos ter com ele. Depois de 25 de julho, Leone deixou o desterro e foi para Turim, em seguida para Roma, e, depois de 8 de setembro, entrou na clandestinidade. Alcancei-o, levando as crianças, tínhamos documentos falsos. Depois Leone foi preso numa gráfica clandestina. Reconheceram-no: judeu, apátrida, russo de nascença, e já estivera no cárcere em época fascista. Entregaram-no aos nazistas. Nunca mais o vi.

L. R. – O que acha do racismo de hoje?

N. G. – Roma é mais racista hoje do que durante o fascismo. Naquela época, se alguém era preso e entregavam seu filho a um transeunte, este levava a criança a salvo. Os judeus foram ajudados pela população de Roma. Agora, em Roma, fazem manifestações contra os ciganos, xingam os imigrantes estrangeiros.

L. R. – O que aconteceu? Vivemos num tempo feio, tempo de degradação?

N. G. – Sim, é uma época feia. Tudo piora dia após dia. Perdeu-se algo de precioso, estragou-se a qualidade de vida. Acredita-se na fama, no sucesso, no dinheiro. E, principalmente, não existe mais a paixão. Despreza-se a paixão como algo que não leva a nada.

L. R. – A senhora, desde 1983, é deputada pela esquerda independente. Qual é o lugar do engajamento político na sua vida?

N. G. – Quando fui eleita, fiquei feliz, mas me sentia totalmente inadequada. Num dos primeiros dias encontrei, no bar do Parlamento, Enrico Berlinguer. Perguntou-me: “Está feliz por estar no Parlamento?”. Eu disse-lhe: “Sinto-me inadequada”. Ele me respondeu: “Somos todos inadequados”. Berlinguer era uma pessoa maravilhosa. Lembrarei dele para sempre. Qual é o lugar do engajamento político na minha vida? Na verdade, eu não tenho uma cabeça política. Não consigo nem falar nem escrever a linguagem política. Mas acredito que cada um deveria procurar ser sempre si mesmo, nunca perder as próprias características. Estar no Parlamento serviu, porque agora entendo melhor as injustiças e os abusos e os desmandos praticados todos os dias contra as pessoas. A indignação civil me leva às vezes a escrever artigos. Eu não me considero um intelectual, ou, pelo menos, não me considero sempre. Ao escrever romances, contos, não sou um intelectual, mas um romancista. Sinto o desejo de contar a realidade simplesmente como é, sem comentá-la, sem tentar torná-la melhor. Mas a indignação civil existe e a gente então a externa. A gente então pensa numa sociedade mais justa. Estar no Parlamento significou, para mim, sentir com mais força a instância a escrever algumas vezes, não como romancista, mas de alguma forma como intelectual. Por indignação civil.

L. R. – A senhora escreve um pouco todos os dias, metodicamente?

N. G. – Oh, não, fico anos sem escrever. Isto é, sem escrever romances. Os artigos, escrevo-os com bastante freqüência.

L. R. – Escreve com facilidade, de forma fluida e leve, ou trabalha muito em cima de cada página?

N. G. – Nos romances, depois de alguns falsos começos, engreno e vou em frente sem parar. Nos artigos, ao contrário, escrevo e reescrevo. Resulta difícil para mim encontrar o tom exato, a medida exata de um artigo.

L. R. – Nada de computador, é óbvio... Máquina de escrever?

N. G. – Nunca mexi numa máquina de escrever na vida. Escrevo à mão e reescrevo, sempre à mão. Tenho uma boa copista, acostumada à minha letra há anos.

L. R. – Visto que entre escritoras podemos nos permitir dar uma de pitonisas, deixe que eu lhe pergunte quando descobriu que havia recebido o chamado, isto é, que tinha vocação para escrever?

N. G. – Logo, aos seis, sete anos. Assim que aprendi a ler e a escrever, entendi que ler e escrever eram as duas coisas das quais mais gostava no mundo.

L. R. – O que representa para a senhora escrever?

N. G. – Um modo de estar dentro da realidade. A única coisa que me parece que sei fazer. Um modo de estar com os outros. Se eu não escrevesse, me sentiria muito mais sozinha.

L. R. – Já usou a escrita de forma terapêutica, para superar os momentos de grande dor na sua vida?

N. G. – Escrever não liberta do sofrimento. Porém, talvez ajude a encontrar um equilíbrio, a ficar com os pés no chão.

L. R. – Agora que não é mais jovem, escrever tornou-se mais importante ou menos urgente?

N. G. – Na velhice se entende a importância da amizade e do trabalho. Ter o que fazer e ter amigos é o que torna a vida menos triste na velhice. Quanto a escrever, é uma dádiva do destino. Não sabemos se vai durar ainda por muito tempo. Chega uma hora em que talvez não haja mais nada a dizer.

L. R. – Há um capítulo de *Mai devi domandarmi*, intitulado “*Vecchiaia*”, que é realmente lindo: li e reli com grande emoção.

N. G. – Sim, escrevi-o há vinte anos. Agora sinto-o ainda mais verdadeiro. Com a velhice termina o espanto, termina a curiosidade. Em cada idade da vida se prova curiosidade pela idade seguinte: a criança sonha ser garoto; o garoto, homem; o homem tem curiosidade pela maturidade... O velho não espera nada. Tudo o que ele vê, lembra-lhe algo que já viu, que já conheceu. Por isso termina o assombro. Porém, é necessário aprender a conviver com a própria velhice. Con-

viver com a própria velhice quer dizer não fugir dela, mas também, às vezes, não ligar para ela. Se a gente se olhar a fundo, acaba descobrindo que é sempre igual, sempre como quando era moça. Na verdade, não é que a gente mude muito. E voltar a encontrar dentro de si o próprio “eu” jovem poderia fazer renascer o assombro, poderia ser uma ocasião de espanto.

L. R. – Entre seus amigos, há pessoas jovens?

N. G. – Meus filhos, meus netos. E também outras, trinta, quarenta anos mais jovens do que eu. Na amizade, me parece, o que conta é a duração. Tenho amigos de longa data: Cesare Garboli, Dinda Gallo. Era amiga de Elsa Morante. De vez em quando me tratava mal, mas assim mesmo gostava dela. Um meu caríssimo amigo é o poeta Sandro Penna. Um amigo meu é Mario Soldati, desde quando era garota, conheci-o na casa de minha irmã. Dei-lhe para ler um caderno meu de contos; mandou-me um telegrama: “Os contos são bonitos, parabéns”

L. R. – E inimigos, teve inimigos no mundo literário? Já foi malhada?

N. G. – Inúmeras vezes. Meu primeiro romance, *La Strada che va in Città*, foi severamente criticado por Alfonso Gatto, numa revista chamada *Primato*. Leone, que, do desterro onde estávamos, mantinha correspondência com a editora Einaudi, escreveu: “Natalia está sofrendo por uma mordida de gato” Em 1942, quando aquele meu romance saiu, eu escrevia com um pseudônimo e, nas cartas, era necessário usar de cautela. O meu pseudônimo era Alessandra Tornimparte. Eu era judia, e os judeus não podiam publicar livros. Com Alfonso Gatto mais tarde fiz amizade. Bem mais tarde.

L. R. – Qual é sua relação atual com as críticas negativas?

N. G. – Ninguém gosta de ser malhado, mas não pode chatear-se muito com isso. Principalmente, não podemos nutrir rancor pelos que nos malham. E jamais responder.

L. R. – Hoje, a senhora sente-se velha e afastada do centro das atenções? Aliás, hoje a distração atinge a todos. Quem lê de verdade? Quem quer mesmo pensar, comunicar, discutir? Quando a senhora tinha a minha idade não era assim, não é?
N. G. – O pós-guerra foi um grande momento. O princípio dos anos 50. Estávamos livres do fascismo, podíamos ler, falar sem medo, viajar, podíamos respirar, finalmente. Estávamos todos eufóricos e cheios de vontade de começar de novo. O dinheiro não era tão importante como agora.

L. R. – Por falar nisso, qual é sua relação com o dinheiro?

N. G. – Acho que é necessário procurar ganhar o dinheiro, depois gastá-lo e doá-lo. Nunca transformá-lo num fim, mas sempre num meio.

L. R. – E as mulheres? Qual é sua relação com as mulheres?

N. G. – Dou-me muito bem com os homens... e com algumas mulheres.

L. R. – A senhora era um tipo de mulher sedutora? O que acha da sedução?

N. G. – Eu tinha uma irmã belíssima. De uma beleza extraordinária. Era mais velha do que eu e era maravilhosa. Era também muito elegante. Ela era a sedução, na família. Eu era a caçula. Era a que escrevia uma poesia por dia.